



DO RISCO NA PAREDE AO TRAÇO NO CORPO ¹

SINCE THE MARK ON THE WALL TO THE TRACE ON THE BODY

Venus Brasileira Couy ²

RESUMO: O ensaio aborda a tatuagem como “grafito corporal”. Faz menção ao grafito como a escrita do detrito, do dejetto rasurado nas paredes da cidade em oposição às belas frases, à linguagem metaforizada e sugestiva de uma literatura considerada de bom nível. Trabalha a tatuagem como *semblant* – escrita que sulca o corpo, rasura a pele e estampa a sua marca indelével. Nesse âmbito, constitui-se como insígnia da singularidade e do coletivo, do mesmo e do outro. Enfim, delimita a hipótese da tatuagem ser uma escrita: a “escrita da tatuagem” não seria uma maneira de bordejar e circunscrever o gozo? Uma escrita que envelopa o corpo, endereça-se ao Outro e se faz traço, inscrição.

PALAVRAS-CHAVE: grafito; tatuagem; mural; corpo; cidade

ABSTRACT: This essay focuses on tattoo as "body graffiti". Mentions graffiti as the writing of debris, the slurry walls defaced at the city opposed to the fine phrases, to metaphorical language and literature considered suggestive of a good level. Works tattoo like a *semblant* – written grooving the body, skin and erasure pattern its indelible mark. In this context, it constitutes as emblem of uniqueness and the collective of the same and the other. Finally, limits the possibility of a tattoo is written: "Writing the tattoo" would not be a way to tack and restrict the enjoyment? A writing that envelops the body, sends them to the other and becomes a trait affiliation.

KEYWORDS: graffiti; tattoo; mural; body; city

Os grafitos são escritos, apagados, refeitos, lavados, reescritos... Trabalho de Sísifo o dos faxineiros, que, como copistas raspando palimpsestos, participam também do texto rascunhado, deixando no pergaminho do mural sua marca.

Angela Tôrres Lima

Se quiser um nome, pode me chamar de Arbusto, Carne Tatuada, Vento.

João Gilberto Noll

Quando ainda fazia graduação em Letras e desenvolvia pesquisa de Iniciação Científica sobre grafito de banheiro, deparei-me com um texto de Judith Epstein intitulado “Corps tatoués” (EPSTEIN, 1978, p. 53-8), do qual tinha apenas a cópia, um xerox esgarçado e, até mesmo

¹ Agradeço a Profa. Ana Maria Amorim de Alencar as indicações teóricas e bibliográficas, a Alessandra Bustamante a interlocução com a psicanálise, sobretudo, com os textos de Freud e Lacan e, a Ana Maria Portugal o franqueamento de sua biblioteca, tornando possível a elaboração deste ensaio.

² Venus Brasileira Couy é Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Publicou, entre outros livros, *Do amor mais abrigado do vento* (Rio de Janeiro: Edições Magnólia, 2007), *Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafito de banheiro* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005) e *Inverno de baunilha* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004). E-mail: venusbrasileira@uol.com.br.



ilegível, que, no entanto, procurei manter por perto ao longo dos anos numa pasta que não se afastava muito dos olhos e nem de uma altura que não fosse possível alcançá-la.

A leitura desse artigo configurou-se como alavanca que acabou por ensejar, mais tarde, a realização da pesquisa de Mestrado intitulada “Escritas do corpo” (COUY, 2006), criando aquilo que Barthes certa vez chamou de “Escrever a leitura”: “nunca vos aconteceu, ao ler um livro, interromper constantemente a vossa leitura, não por desinteresse, mas, pelo contrário, por afluxo de idéias, de excitações, de associações? Nunca palavra, não vos aconteceu ler levantando a cabeça?” (BARTHES, [s.d.], p. 27) É, portanto, através do movimento de levantar a cabeça e ser tocada pelo espanto do texto, num percurso que caminha da leitura em voz alta à escritura em voz baixa que “o pedido de escrita” (BARTHES, [s.d.], p. 80) é atendido, lá onde o “discurso do desejo” (BARTHES, [s.d.], p. 79) se faz ouvir: *lálouge*, *lalangué*, no só-depois, em uma garatuja rabiscada na parede, ou ainda, numa tatuagem impressa no corpo.

Em oposição às belas frases, à linguagem metaforizada e sugestiva de uma literatura considerada de bom nível, aceita e prestigiada, seja pela consagração de um Nome – a assinatura do autor inscrita na capa, conferindo um certificado de origem, uma filiação, uma legitimação, bem posta, bem colocada, seja pela mitificação do livro, objeto totalizante³ (DERRIDA, 1973, p. 22), lugar, por excelência, da publicação (uma palavra freqüentemente substitui a outra) –, o grafito, publicado na porta ou na parede do banheiro (COUY, 2005, p. 65), destituído de *griffe*, busca endereçamento num interlocutor, a partir de uma escrita cunhada freqüentemente na pressa e no temor de uma batida na porta, sulcada, contudo, não sem o apelo ao desejo do Outro:

Na superfície do discurso universitário, os grafitos anônimos, deixados nos banheiros (...), fazem furo como se fossem manchas esburacando as páginas impressas, assinadas e autorizadas nas edições oficiais. São outras, que não as dos letrados, as letras com que se escreve o gozo nesses lugares escusos, onde o grito calado nas mensagens eróticas e desenhos pornográficos é grifo desesperado de apelo ao desejo do Outro. Despertadas, as pulsões se rebelam contra a temperança do sexo escaldado no caldo insosso da cultura. O corpo erótico, fragmentado denuncia a falsidade da teoria do amor enquanto “alma, razão e harmonia”. Estética e preconceitos se evaporam na escritura sem dono, como pegadas de cães viralatas rabiscadas no ardor das paixões pervertidas. Nos cubículos aparelhados para a limpeza dos corpos, o lixo produzido na maquinaria purificatória do saber se acumula: detritos, estilhaços de palavras, garatujas – as inscrições sujam as paredes brancas, imaculadas, como se a virgindade fosse tentação, impelindo ao gesto de profanar o puro. Os grafitos

³ Para Derrida (1973), “a boa escritura foi sempre bem compreendida. Compreendida como aquilo que deveria ser compreendido: no interior de uma natureza ou de uma lei natural, criada ou não, mas inicialmente pensada numa eterna presença. Compreendida, portanto, no interior de uma totalidade e encoberta num volume ou num livro.” p. 22.



são escritos, apagados, refeitos, lavados, reescritos... Trabalho de Sísifo o dos faxineiros, que, como copistas raspando palimpsestos, participam também do texto rascunhado, deixando no pergaminho do mural sua marca: “o pessoal da limpeza agradece”. (TÔRRES LIMA. In: COUY, 2005, p. 11-2)

Se o grafito é a escrita do detrito, do dejetivo rasurado pelas portas e paredes do banheiro público e, no espaço da cidade, faz bater a lata e o resto ⁴ (TÔRRES LIMA. In: GONTIJO et alii (orgs.), 2003, p. 21-4), apresentando-se como inscrição e risco talhados na pedra da polis, em túneis subterrâneos que se transformam em galerias particulares ou faz moldura em bueiros de esgoto e ganha as calçadas ⁵ (OLIVA, 2006, p. 53) e, ainda que muitas vezes não tenha assinatura ou se faça nomear por um nome de fantasia, pseudônimo ou apenas pelo contorno de seu traçado, traz, no entanto, a singularidade de uma escrita e, até mesmo, de um estilo reconhecido freqüentemente por quem o pratica:

Se pelo estilo a polícia reconhece a *gang*, do lado dos grafiteiros as inscrições não se confundem. Ao vê-las transpostas para o papel, dizem de quem é cada uma: ‘Esse sou eu, esse é fulano’. O que nos leva a pensar que se não é um nome, é algo que o substitui. Parecem aglomerados de letras que não se deslocam, não se desdobram, mas, ao contrário, retrocedem, enroscam-se e formam algo como um novelo, um monólito, um criptograma. Caracteres inventados, usados como assinatura? Um sinete? Mas não tão evidente como a marca do Zorro. Talvez selo impossível de ser descolado onde o muro seria envelope sem carta, corpo fechado, mensagem vazia de palavras, pregada no endereço mesmo do remetente. (TÔRRES LIMA. In: GONTIJO et alii (orgs.), 2003. p. 22-3)

Nas décadas anteriores, especialmente nas de 70 e 80, o cunho político e sexual se fazia estampar pelos muros, no século XXI, por sua vez, as palavras-manifesto se fazem substituir por palavras-resto, ilegíveis, indecifráveis, esvaziadas muitas vezes de conteúdos e mensagens clarividentes, não sem apresentar uma escrita que se emaranha em outra, cadeia-garatuja, elo, que enlaça o sujeito no prelo do muro, no mapa da cidade e possibilita dar a cada um seu quinhão de gozo e, sobretudo, circunscrevê-lo:

⁴ Angela Tôrres Lima assinala: “no chão um corpo e uma lata é o que do grafiteiro resta. (...) Mas se correm risco, se no muro se arriscam, é também risco o que nele produzem. Risco diferente de um borrão informe, mais complicado do que um traço, traçado enigmático, labiríntico, com linha que faz contorno, meandros e no qual eles se aplicam como em um bordado. Sem outro fio que a tinta, sem outra agulha que a lata.” p. 22.

⁵ Refiro-me aqui ao trabalho do paulistano Zezão, que em 1998 começou a explorar os túneis subterrâneos da cidade de São Paulo.



Fazer *semblant*, isso sabe a tatuagem fazer. Escrita que sulca o corpo, rasura a pele e estampa a sua marca indelével. Desta forma, a tatuagem – chamada de “grafito corporal” (REISFELD, 2005, p. 159) – constitui-se como insígnia da singularidade e do coletivo, do mesmo e do outro. O grafito, por sua vez, denominado de “imagem tatuada” ⁶ (RAMOS, 2001, p. 68) encontra frequentemente na “máscara” e no “decalque” ⁷ (RAMOS, 2001, p. 68) o contorno de seu traçado.

Grafito, tatuagem, aproximação possível, não sem levar em conta o que há de singular em cada modalidade, não sem levar em conta o suporte sob o qual são grafados: pedra ou muro ⁸ (MARQUES, 1997, p. 188), pele ou cartilagem, ainda que expressamente proibida em artigo de lei ⁹ (RAMOS, 1994, p. 188) e, ao revés da norma, faz-se a tatuagem imprimir no “*órgão ad hoc*” (LACAN, 1990, p. 87).

Grafito, tatuagem – escritas que se dão a ver desde épocas muito antigas, presentes em sociedades chamadas por alguns de arcaicas, por outros de pré-letradas, por outros tantos, de primevas, estampados numa caverna – como a de Lascaux ou, mais tarde, num muro que um dia se fez de muralha e, posteriormente, derrubado a machadadas, mostrava palavras de ordem ou simplesmente caracteres ilegíveis em seus pedaços destroçados – no peito de um taitiano, nas costas de uma queniana, que, segundo relata a lenda, “quanto mais tatuagens tivesse uma moça, maior a admiração e o número de rapazes desejosos de se casar com ela” (BARBOSA, 1998, p. 7), ou no corpo de um menino do Rio – e, contemporaneamente, na pele de um vizinho ou ainda de um desconhecido, que cruza as ruas da cidade. Então, podemos indagar: “o que pode ser tão eterno que faz do que é mais antigo na atividade da escrita um fenômeno moderno?” (RIBEIRO. In: RIBEIRO e POLLO (orgs.), 1996, p. 49) Garatujas, desenhos, riscos e linhas que se apresentam além da folha de papel e buscam talvez um outro traçado, uma outra superfície de se fazerem propagar não sem o apelo ao Outro.

⁶ Célia Maria Antonacci Ramos (2001) aponta que a expressão “imagem tatuada” foi utilizada pela primeira vez por Baudrillard, em artigo intitulado “Kool Killer ou insurreição pelos signos”, na década de 70.

⁷ Para Célia Maria Antonacci Ramos (2001), “(...) o fato é que nosso cotidiano está repleto de imagens (re) produzidas e multiplicadas pelo método do estêncil ou máscara. (...) Um exemplo de retomada dessa técnica são as máscaras usadas nos grafites de rua, principalmente na cidade de São Paulo, nos anos 70/80 e que foram inspirados a partir dos estêncils para embalagens comerciais da fábrica Dulcemira Ltda, e das revistas em quadrinhos divulgadas em todo o ocidente, desde os anos 50 (...). Também os desenhos para gravação das tatuagens praticadas nos ateliês ocidentais são delineados no corpo por decalques e depois perfurados seus desenhos.” p. 68.

⁸ Segundo Toni Marques (1997), “uma turma marcava o corpo humano, outra marcava o corpo da cidade”. p. 188.

⁹ Célia Maria Antonacci Ramos (2001) assinala que o artigo 6, da portaria CVS-13, de 7.8.92, publicada pelo Centro de Vigilância Sanitária de São Paulo, afirma: “não poderá ser realizada tatuagem em áreas cartilaginosas tais como orelha, nariz, entre outras, bem como em órgãos sexuais.” p. 188.



“Tapeçarias da pele” (LOMBROSO apud GROSSO e ROSCONI, 1995, p. 6), a tatuagem é chamada a dar-se a ver e se coloca frente ao olhar do Outro. Para além de uma escrita sulcada sobre a pele que se faz pergaminho, poderíamos pensá-la ainda como um quadro semovente, ou ainda “quadro vivo”, que imprime movimentos, lentos, bruscos, rápidos e coloca o sujeito frente ao olhar e ao corpo do Outro:

Estas assim chamadas ‘tapeçarias da pele’ têm tomado hoje o valor de verdadeiros quadros viventes porque colocam em jogo uma das questões mais complicadas que apresenta a configuração da tatuagem: a relação do tatuado com os outros a partir do movimento de seu corpo produzindo figuras anamórficas e até assombrosos *trompe d’oeil*. Levi-Strauss faz referência às ‘tapeçarias da pele’ quando fala da questão da superfície, não como um lugar de incisão senão em relação à tatuagem e à representação. Para isto toma como exemplo a tatuagem das mulheres abíponas do Paraguai que têm ‘seus rostos, peitos e braços cobertos de figuras negras de diferentes tamanhos oferecendo o aspecto de um tapete turco (...) mais belas que a beleza em si mesma’. Em vez de representar a imagem de um rosto deformado, deformam efetivamente um rosto verdadeiro. (GROSSO e ROSCONI, 1995, p. 6)

Deformar, fazer incisões, pintar, enxertar, cortar, furar, queimar, escarificar, tatuar-se. Modificações corporais que buscam novas referências para o corpo? Poderíamos pensar as modificações corporais como um exercício de bricolagem¹⁰ (LIMA. In: MATOS e MEZÊNCIO (orgs.), 2004, p. 31) do sujeito? Busca de pertencimento a um grupo, procura de um laço social? Rito de passagem, de iniciação? Tentativa de cunhar um corpo impossível? “Tomada de posse do corpo através da inscrição de uma marca própria” (LIMA. In: MATOS e MEZÊNCIO (orgs.), 2004, p. 31), busca por uma diferença, tornando, assim, próprio aquilo que lhe é mais impróprio? E, se como assinalou Lyotard, “for ‘próprio’ do homem ser habitado pelo inumano?” (LYOTARD, 1997, p. 10)

Deparamo-nos, assim, com um *corpus*, cujo corpo torna-se espaço de pesquisa – de “jogo”, território lúdico, numa alusão aos jogos empreendidos por Fakir Musafar –, de suporte para a moda, atravessada por tecidos, cortes e customizações, de suporte para a arte, que se dá a ver nos trabalhos de Orlan, Hermann Nitsch, Günther Brus, Chris Burden, Otto Mühl, Rudolf Schwarzkogler, Stelarc, Eduardo Kac, Günther Von Hagens, entre outros, e, sobretudo, como suporte para a escrita. Não constituiriam as *performances*, as incisões, os implantes, as escarificações, as tatuagens, o traçado itinerante que as escritas do corpo fazem?

¹⁰ Celso Rennó Lima (2004) faz menção em seu trabalho ao termo “bricolagem inventiva”, cunhado pelo antropólogo francês David Le Breton, e assinala ainda: “entre o homem e seu corpo há um jogo no duplo sentido



A “escrita da tatuagem” não seria uma maneira de bordejar e circunscrever o gozo, a mais... talvez, que se faz numa tatuagem, que puxa outra, outra... conforme escutamos nos depoimentos daqueles que se tatuam, dando-se a ver como uma escrita que envelopa o corpo, endereça-se ao Outro e se faz traço, inscrição.

Talhada sobre a pele, a tatuagem configura-se, na nossa aposta de leitura, não como um ornamento (embora esta função esteja inegavelmente presente), mas, sim, como uma escrita, impressa num território de passagem, o corpo, que, à semelhança dos *outdoors*, placas, anúncios e letreiros, entrecorta o espaço urbano e se dá a ler. Ora oculta em cavidades, dobras e reentrâncias, ora estampada numa nuca, calcanhar ou braço, a tatuagem, que, rapidamente dobra a esquina e se perde na multidão, acaba por colocar em evidência, o corpo, para além da série de órgãos, formas e tamanhos diversos, configurando-se ainda como marca identitária, *semblant*, segunda pele do sujeito, que intervém com seu corpo, espaço aberto à escrita e à invenção, no contorno e na cartografia da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Rogério Andrade. **A tatuagem**: conto do Quênia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. Em anexo – jovens investigadores. In: _____. **O rumor da língua**. Trad. Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, [s.d.]. p. 27-9; p. 79-84.

COUY, Venus Brasileira. Dissertação de Mestrado intitulada **Escritas do corpo**. Rio de Janeiro: Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, 2006.

Disponível em: <http://www.ciencialit.letas.ufrj.br/index_banco_de_teses.htm>

_____. **Mural dos nomes impróprios**: ensaio sobre grafite de banheiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973. (Coleção Estudos)

EPSTEIN, Judith. Corps tatoués. **Autrement** – Flagrants délits d’imaginaire. Paris, n. 16, p. 53-8, nov. 1978.

do termo. De maneira artesanal, milhões de indivíduos fazem-se *bricoleurs* inventivos e incansáveis de uma marca própria.” p. 31.



GROSSO, Mabel L. e ROSCONI, Stella Maria. O corpo como quadro na tatuagem. **Agente**. Bahia: Escola Brasileira de Psicanálise, ano 1, n. 3, p. 6, maio 1995.

LACAN, Jacques. **O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Versão brasileira. M.D Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Trad. Jorge Constante Pereira. Lisboa: Edições 70, 1979.

LIMA, Celso Rennó. A letra no corpo. In: MATTOS, Cristiana Pittella de e MEZÊNCIO, Márcia de Souza (orgs.). **Jovens em análise: o encontro com o sexo, as marcas no corpo, os modos de vida**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 31-3, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano – considerações sobre o tempo**. 2. ed. Trad. Ana Cristina Seabra e Elizabete Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

OLIVA, Fernando. O eterno retorno do graffiti. **Bravo!**. São Paulo, Abril, ano 9, n. 103, p. 46-53, mar. 2006.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite, pichação & Cia**. São Paulo: Annablume, 1994.

RIBEIRO, Heloísa Caldas. Grafite: o nome do nome do nome. In: RIBEIRO, Heloísa Caldas e POLLO, Vera (orgs.). **Kalimeros – Adolescência: o despertar**. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, n. 2, p. 49-56, 1996.

TÔRRES LIMA, Angela. Prefácio. Na catedral do saber, a gênese impura da cultura. In: COUY, Venus Brasileira. **Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafite de banheiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005. p. 11-3.

_____. Grafiteiros, a lata e o resto. In: GONTIJO, Thais et alii (orgs.). **A escrita do analista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 21-4.